

MESTRADO PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Efeitos de uma Intervenção Parental em Pais e Crianças de Famílias Vulneráveis: O Papel da Sensibilidade à Vantagem

Joana Fonseca Ribeiro

M

2024



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Efeitos de uma Intervenção Parental em Pais e Crianças de Famílias Vulneráveis:
O Papel da Sensibilidade à Vantagem**

Joana Fonseca Ribeiro

Junho de 2024

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Orlanda Cruz e coorientada pela Professora Doutora Ana Catarina Canário (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

A presente dissertação usa dados secundários do projeto “Sucesso da reunificação familiar após a institucionalização da criança: Avaliação da efetividade de uma intervenção de parentalidade positiva” (REUNIRmais, PTDC/SOC-ASO/31727/2017) e é desenvolvido no âmbito do projeto de investigação “Apoiar famílias vulneráveis através de uma intervenção parental baseada na evidência, implementada individualmente em condições reais: Novas perspetivas sobre a implementação, efeitos e custo-efetividade” (RealFamilies, 2022.04975.PTDC, <https://doi.org/10.54499/2022.04975.PTDC>), coordenados pela Professora Doutora Ana Catarina Canário e pela Professora Doutora Orlanda Cruz, promovido pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), e financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Agradecimentos

Em primeiro, quero agradecer às minhas duas orientadoras, Professora Doutora Orlanda Cruz e Professora Doutora Ana Catarina Canário, por todo o apoio, paciência e ensinamentos que me transmitiram, que levo para a vida. Foram incansáveis durante este último ano e meio e não podia estar mais satisfeita e orgulhosa do caminho que foi feito, por nós.

À equipa do projeto ReunirMais e RealFamilies. Por ajudarem e apoiarem em todo o processo.

Ao meu filho Santiago. Minha maior força, minha motivação para ser mais e melhor a cada dia. A essência do meu ser, quem me dá os melhores mimos de toda a vida, quem me ensina tanto todos os dias. Contigo aprendi o verdadeiro significado de amar incondicionalmente. És o melhor de mim. Provaste que tudo é possível quando se ama e quando se tem fé, vieste para mudar não só a minha vida, mas o mundo. Amo-te muito filho, incondicionalmente.

Aos meus pais, que muito me apoiaram, ouviram e aturaram. Muita paciência tiveram nos momentos de dúvidas e angústias ao longo deste percurso. Mãe e Pai, vocês são o meu pilar, obrigada. Amo-vos muito.

Ao André. Pai do meu filho e eterno amigo. Obrigada por tanto que me aturaste, ouviste, apoiaste e deste motivação e força para continuar, mesmo quando eu duvidava de mim mesma.

Aos meus avós. Avó Glória, obrigada por me ajudares e apoiares tanto neste percurso, por me dares sempre o teu ombro para chorar quando precisava e por estares sempre lá para me ouvir. Avô Coelho, obrigada pela força que me transmites sempre, pela confiança que tens em mim e nas minhas capacidades, por todo o apoio e carinho. Avó Leta, obrigada por te preocupares tanto comigo, se eu me alimento bem, se durmo bem, se estou bem, porque se não estivesse, nada disto seria possível. Avô Marques, apesar de já não estares entre nós, não podia deixar de te mencionar, obrigada por tudo, pelo apoio, confiança e cada sorriso lindo como só tu tinhas.

Ao meu irmão, Flávio. Meu lindo, obrigada por aturares as loucuras da tua irmã e por me ouvires quando precisava, dás-me muita força, mesmo sem saberes.

À minha família. De sangue e emprestados, que me apoiaram, motivaram e deram força no momento certo. António, estás aqui incluído e sabes bem a força que me dás, te quero.

Às minhas amigas, que são como irmãs. Mafalda, Viviana, Cláudia e Carolina em especial. Vocês sabem o quão importantes são para mim. Tanto me aturaram e apoiaram neste percurso, sou-vos eternamente grata. E Catarina, não podias deixar de aqui estar, as nossas vidas cruzaram-se e não foi por acaso, vais-me aturar para sempre.

À equipa do Agrupamento de Escolas Ovar Sul, onde tive o privilégio de fazer o meu estágio curricular, o meu enorme obrigada por todo o apoio e carinho ao longo deste último ano. Aos alunos com quem tive o prazer de trabalhar, por tudo o que me ensinaram e por me mostrarem a beleza nas pequenas coisas.

A todos aqueles que me ouviram, apoiaram e ampararam nesta longa caminhada, graças a vocês cheguei aqui e tornei o meu sonho realidade. Obrigada, parece pouco, eu sou-vos eternamente grata!

Resumo

Nem todos os pais e nem todas as crianças beneficiam das intervenções parentais da mesma forma, dependendo das suas próprias características individuais.

Neste estudo exploramos o papel da sensibilidade à vantagem como moderador dos efeitos de uma intervenção parental em pais e crianças de famílias vulneráveis, sinalizadas na Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) do distrito do Porto. Utilizando um desenho quase-experimental, os participantes foram alocados a duas condições: um grupo de intervenção ($n=38$, Standard Triplo P) e um grupo de controlo ($n=38$, intervenção habitual), sendo avaliados antes e depois da intervenção. Testamos os efeitos do programa Standard Triplo P (STP) em variáveis parentais e das crianças, avaliando se os efeitos naqueles que receberam esta intervenção são moderados pela maior ou menor sensibilidade parental e pela maior ou menor sensibilidade da criança.

Os resultados revelaram uma diminuição significativa nos problemas de comportamento das crianças, permissividade, um aumento do sentido de eficácia e satisfação parental no grupo de intervenção comparativamente ao de controlo. Além disso, os resultados mostraram que os efeitos da intervenção nos problemas de comportamento da criança são moderados pela sensibilidade da criança, sendo estes efeitos mais fortes quando a sensibilidade é elevada. Foi ainda verificado que os efeitos da intervenção na sobrereatividade parental são moderados pela sensibilidade parental, sendo estes efeitos mais fortes quando a sensibilidade é mais baixa.

Dado o carácter exploratório do presente estudo, estudos futuros devem replicar o procedimento e plano analítico do presente estudo para compreender se os resultados são semelhantes.

Palavras-chave: Standard Triple P (STP), Sensibilidade à Vantagem, Famílias Vulneráveis, Problemas de Comportamento da Criança, Sobrereatividade, Sensibilidade Parental, Sensibilidade da Criança.

Abstract

Not all parents and children benefit from parental interventions in the same way, depending on their individual characteristics. In this study, we explore the role of vantage sensitivity as a moderator of the effects of a parental intervention on parents and children from vulnerable families, referred by the Child Protective Services of the Porto district. Using a quasi-experimental design, participants were allocated to two conditions: an intervention group ($n=38$, Standard Triple P) and a control group ($n=38$, usual intervention), evaluated before and after the intervention. We tested the effects of the Standard Triple P (STP) program on parental and child variables, assessing whether the effects on those who received this intervention are moderated by higher or lower parental sensitivity and higher or lower child sensitivity.

Results revealed significant decreases in children's behavior problems, parents' laxness, and increases in parental efficacy, and satisfaction with parenting, in the intervention group compared to the control group. Additionally, the results showed that the effects of the intervention on children's behavior problems are moderated by child sensitivity, with these effects being stronger when sensitivity is high. It was also found that the effects of the intervention on parents' overreactivity are moderated by parental sensitivity, with these effects being stronger when sensitivity is low.

Given the exploratory nature of the present study, future studies should replicate our procedures and analytic plan to understand whether the results are similar.

Keywords: Standard Triple P (STP), Sensitivity to Advantage, Vulnerable Families, Child Behavior Problems, Overreactivity, Parental Sensitivity, Child Sensitivity.

Résumé

Pas tous les parents et pas tous les enfants bénéficient des interventions parentales de la même manière, selon leurs caractéristiques individuelles.

Dans cette étude, nous explorons le rôle de la sensibilité aux avantages en tant que modérateur des effets d'une intervention parentale sur les parents et les enfants de familles vulnérables, signalée par les Services de Protección de l'Enfance du district de Porto. En utilisant une *design* quasi-expérimentale, les participants ont été répartis dans deux conditions: un groupe d'intervention ($n=38$, Standard Triple P) et un groupe témoin ($n=38$, intervention habituelle), évalués avant et après l'intervention. Nous avons testé les effets du programme Standard Triple P (STP) sur les variables parentales et infantiles, en évaluant si les effets sur ceux qui ont reçu cette intervention sont modérés par une sensibilité parentale plus ou moins grande et une sensibilité plus ou moins grande de l'enfant.

Les résultats ont révélé une diminution significative des problèmes de comportement des enfants et du laxisme des parents, ainsi qu'une augmentation de l'efficacité parentale et de la satisfaction à l'égard de l'éducation des enfants dans le groupe d'intervention par rapport au groupe de contrôle. De plus, les résultats ont montré que les effets de l'intervention sur les problèmes de comportement de l'enfant sont modérés par la sensibilité de l'enfant, ces effets étant plus forts lorsque la sensibilité est élevée. Il a également été constaté que les effets de l'intervention sur la surréactivité parentale sont modérés par la sensibilité parentale, ces effets étant plus forts lorsque la sensibilité est faible.

Étant donné la nature exploratoire de la présente étude, les études futures devraient reproduire nos procédures et notre plan analytique afin de comprendre si les résultats sont similaires.

Mots clés : Standard Triple P (STP), Sensibilité à l'avantage, Familles vulnérables, Problèmes de comportement des enfants, Réactivité excessive, Sensibilité parentale, Sensibilité des enfants.

Índice:

1. Introdução	1
1.1. Parentalidade e Família	1
1.2. Intervenção Parental	3
1.2.1. Definição	3
1.2.2. Efeitos	4
1.3. Modelos de interação pessoa-ambiente	5
1.4. O presente estudo	7
2. Método	9
2.1. Participantes	9
2.2. Instrumentos	10
2.3. Procedimentos	15
2.4. Plano analítico	16
3. Resultados	16
4. Discussão	23
5. Conclusão	25

Lista de abreviaturas

APQ – Alabama Parenting Questionary

CAU – Care as Usual

CPCJ – Comissões de Proteção de Crianças e Jovens

ECS - Escala de Competência Social

HSC - High Sensitive Child

HSP – High Sensitive Parent

SCS – Social Competence Scale

SDQ – Strengths and Difficulties Questionnaire

SMSP - Escala Ser Mãe/Ser Pai

STP – Standard Triplo P

PBE – Programas Baseados na Evidência

PPBE - Programas Parentais Baseados na Evidência

PS – Parenting Scale

1. Introdução

1.1 Parentalidade e Família

A parentalidade é uma das tarefas emocionalmente mais intensas, exigentes e significativas que as pessoas enfrentam ao longo da idade adulta (Teti et al., 2017). Esta traz desafios únicos, que só são experienciados na vivência das relações entre pais e filhos.

As relações entre pais e filhos desempenham um papel crucial no desenvolvimento das crianças. Estas interações são influenciadas pelas competências sociais, emocionais e cognitivas tanto dos pais como das crianças, que se adaptam às características temperamentais do outro, criando um sentido de identidade e pertença àquela família, em distinção a outras famílias (Dias, 2011).

As crianças, ao longo do seu crescimento, dependem das pessoas mais maduras para sobreviver e se desenvolver de forma a atingir a maturidade responsável na idade adulta. As crianças dependem dos cuidados dos pais para garantir o seu bem-estar, envolvendo a tomada de medidas atentas, carinhosas e construtivas. A parentalidade desempenha um papel fundamental ao longo da vida, tendo impacto nos pais e nas crianças, que são o foco principal da atenção e das ações parentais. O estudo da parentalidade abrange diversos aspetos, como: quem/como são os pais, o que envolve cuidar dos filhos, onde ocorre a educação, quando ocorrem as interações, quais os objetivos educativos dos pais, etc. Para alcançar os melhores resultados para os seus filhos, os pais necessitam frequentemente de recursos e apoio, como programas de intervenção na parentalidade, que procuram fornecer orientação e suporte aos pais nas suas interações com as crianças (Bornstein et al., 2022).

As características da criança e as características dos pais, têm influência nos comportamentos educativos parentais. Características da criança como o sexo, a aparência física, a idade, a posição na fratria e o temperamento, foram apontadas pela literatura como relacionadas com os comportamentos educativos e disciplinares dos pais, demonstrando que a ação parental não é impermeável às influências das características específicas das crianças. As características dos pais, como as características de personalidade e o histórico da relação com os próprios pais, também são apontadas na literatura como fatores a ter em consideração como determinantes das formas de atuar parentais. Cada pai e cada mãe educa os seus filhos, não só de acordo com as

circunstâncias em que vive e com as características inerentes às crianças, mas também de acordo com as suas próprias ideias, atitudes, características da personalidade e histórico da relação com os próprios pais (Cruz, 2005). O funcionamento da família é moldado e influenciado por diversos fatores internos (valores, crenças, relações interpessoais, histórico familiar, etc) e externos (situação socioeconômica, conjuntura externa, influências culturais, rede de suporte, etc). Essas influências, juntamente com os recursos pessoais dos pais, afetam a sua maneira de sentir, pensar e responder às necessidades e aos comportamentos dos seus filhos. Isso pode ter um impacto positivo ou negativo, tanto na experiência da parentalidade, quanto no relacionamento entre pais e filhos (Dias, 2011).

Famílias vulneráveis são aquelas que enfrentam circunstâncias que colocam em risco o bem-estar das crianças e dos demais membros. A literatura tem permitido identificar um conjunto de fatores associados a situações de maior vulnerabilidade dos pais e que dificultam o exercício de uma parentalidade positiva, entre os quais se destacam:

1) Condições socioeconômicas precárias: dificuldades financeiras, falta de recursos básicos, desemprego ou emprego instável, habitação precária e falta de acesso a serviços de qualidade;

2) Histórico de adversidades pessoais: experiência de adversidades ao longo da vida, como trauma, abuso, negligência, problemas de saúde mental, dependência química, envolvimento em sistemas criminais;

3) Falta de apoio social: a ausência de uma rede de apoio social sólida, como familiares, amigos ou comunidade, pode aumentar a vulnerabilidade dos pais, deixando-os com menos recursos emocionais e práticos para lidar com os desafios da parentalidade;

4) Conflitos familiares e relacionamentos disfuncionais: conflitos conjugais, separações ou divórcios, violência doméstica ou relacionamentos instáveis, o que pode afetar negativamente a sua capacidade de cuidar dos filhos de forma adequada;

5) Baixas competências parentais: acesso limitado a informações pertinentes para a educação de uma criança, práticas parentais ineficazes, o que pode afetar a sua capacidade de criar um ambiente seguro, caloroso e estimulante para os seus filhos;

6) Problemas de saúde física ou mental: problemas de saúde física crônica e deficiências ou problemas de saúde mental estão associados a dificuldades em fornecer cuidados adequados e consistentes.

É importante ressaltar que a vulnerabilidade dos pais não é uma característica fixa, sendo influenciada por diversos fatores. A compreensão dessas características pode ajudar a direcionar o suporte e os recursos adequados para ajudar as famílias vulneráveis a superarem os desafios e promover o bem-estar dos pais e das crianças (Silva & Silva, 2022). As famílias vulneráveis vivenciam situações que podem comprometer a segurança e o bem-estar das crianças e de outros membros da família, o que pode justificar a necessidade de recorrer a serviços sociais ou o envolvimento com serviços de proteção de crianças (Nogueira et al., 2021).

1.2 Intervenção Parental

1.2.1 Definição de intervenção parental

A intervenção parental consiste numa abordagem direcionada aos pais, com o objetivo de promover o desenvolvimento saudável das crianças, através da modificação das interações entre pais e filhos. Esta intervenção pode assumir vários formatos (individual, grupal, presencial, à distância, por exemplo) e ser realizada em diversos contextos (Cowan et al., 1998). Os Programas Parentais Baseados na Evidência (PPBE) são uma forma estruturada de intervenção parental. Apresentam, como marcas distintivas, uma base teórico-conceitual sólida e serem alvo de estudos empíricos com o objetivo de comprovar a existência de efeitos positivos. São intervenções estruturadas (manualizados) e standardizados, implementadas de acordo com o estabelecido no manual e podem ser replicados e disseminados (Almeida et al., 2022). A literatura tem mostrado que os PPBE têm o potencial de melhorar os comportamentos parentais e, consequentemente, a saúde mental e o bem-estar das crianças, além de fortalecer as relações familiares, trazendo benefícios para toda a comunidade (Sanders, 2008).

Os pais têm diferentes necessidades de apoio e, assim sendo, a implementação da intervenção parental também pode ser feita em três níveis: o nível universal (implementação junto de toda a população, com objetivos de prevenção primária), o nível seletivo (implementação junto de subgrupos da população que apresentam um nível de risco acima da média, identificado a partir de protocolos de despiste ou de avaliação) e o

nível indicado (implementação junto de indivíduos que apresentam indicadores claros de desajustamento). Vários programas de intervenção parental revelaram ser adequados e eficazes com famílias vulneráveis, como o Parent-Child Interaction Therapy (PCIT) (Skoranski et al., 2022), o Programa Anos Incríveis (The Incredible Years – IY) (Rubin, 2011) e o Programa Triplo P de Grupo (Group Triple P – Positive Parenting Program) (Nogueira et al., 2021). O Triplo P é um sistema de intervenção parental com cinco níveis que inclui diversos programas em cada nível, consoante a especificidade da população-alvo. No presente trabalho procedemos à avaliação de um programa de nível quatro, dinamizado individualmente - o Standard Triple P (STP). De acordo com a United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC), o sistema Triplo P foi considerado a melhor intervenção parental a nível mundial, devido à vasta pesquisa e investigação que o respalda (UNODC, 2010).

1.2.2. Efeitos dos programas parentais baseados na evidência

Coutinho e colaboradores (2012) definem a intervenção na parentalidade como integrando um conjunto organizado de ações realizadas com os pais, focadas em mudanças no sistema familiar e individual, visando reduzir o risco de maltrato infantil. No que diz respeito à educação parental, as autoras mencionam uma variedade de intervenções projetadas com o objetivo principal de promover estratégias educativas parentais positivas e eficazes, capacitando os pais para exercer melhor a sua parentalidade e, assim, otimizar o desenvolvimento saudável de seus filhos. Consideram que os programas de educação parental têm resultados muito promissores, tanto para os pais quanto para as crianças, nos países onde são implementados.

É possível intervir na parentalidade, de forma a tornar os pais mais capazes e competentes no desempenho das suas funções parentais. A investigação mostra que a intervenção com recurso a programas parentais produz alterações nas práticas educativas dos pais, com melhoria na comunicação, aumento do sentimento de competência e confiança, aquisição de estratégias adequadas ao desenvolvimento dos filhos, melhor relação conjugal e aumento do bem-estar psicossocial (redução de stresse, raiva e culpa). Além disso, observa-se uma diminuição dos problemas emocionais e comportamentais nas crianças (Barlow et al., 2016; Jackson & Moreland, 2017; Morris et al., 2019). A investigação mostra que a intervenção parental tem efeitos positivos significativos nos

pais e nas crianças, como é confirmado pela revisão sistemática e meta-análise de Sanders et al. (2014). Mais especificamente, a intervenção parental tem efeitos positivos no comportamento das crianças, nas práticas parentais, no sentido de competência parental (Canário et al., 2021; Nogueira et al., 2021) e na redução de problemas de comportamento das crianças a longo termo, como demonstrado pela revisão sistemática e meta-análise de Van Aar et al. (2017). A revisão e meta-meta-análise de Weber et al. (2019) mostrou que a intervenção parental teve efeitos positivos na parentalidade e percepções parentais, contribuindo ainda para a diminuição dos comportamentos de externalização dos filhos. A revisão sistemática e meta análise de Sanders et al. (2014) mostrou efeitos positivos significativos do Triple P a longo prazo no desempenho social, emocional e comportamental das crianças; nas práticas parentais; na eficácia e satisfação parental; na adaptação parental; na relação parental; e nas interações e comportamentos quotidianos das crianças e pais, observados.

1.3 Modelos de interação pessoa-ambiente

Nem todos os pais e nem todas as crianças beneficiam da intervenção parental da mesma forma. As características ambientais, de contexto, ou as características individuais dos pais e/ou das crianças podem interferir neste processo. Existem, variáveis a ter em conta, que influenciam positiva ou negativamente os efeitos destas intervenções, às quais, estatisticamente, se dá o nome de variáveis moderadoras. A análise dos efeitos moderadores é de extrema importância porque ajuda a compreender quem beneficia mais ou menos de determinadas intervenções, sendo uma informação valiosa, tanto para investigadores como para os profissionais.

Nas últimas décadas, têm sido investigados vários modelos de interação Pessoa X Ambiente, para compreender como as características ambientais e individuais interagem e influenciam a determinação da trajetória de desenvolvimento individual. Existem três modelos teóricos que vale a pena destacar: Diátese-Stress, Suscetibilidade Diferencial e Sensibilidade à Vantagem (Jolicoeur-Martineau et al., 2020).

O Modelo da Diátese-Stress postula que alguns indivíduos possuem genes ou características constitucionais "de risco", que os tornam desproporcionalmente mais vulneráveis às condições ambientais adversas (Jolicoeur-Martineau et al., 2020). Alguns indivíduos, devido a uma "vulnerabilidade" na sua constituição - que pode ser

comportamental/temperamental (por exemplo, temperamento difícil), fisiológica ou endofenotípica (por exemplo, reatividade fisiológica elevada), ou genética (por exemplo, alelos curtos 5-HTTLPR) - têm uma probabilidade desproporcionalmente mais elevada de serem afetados adversamente por um stressor ambiental (por exemplo, maus tratos, parentalidade insensível, eventos de vida negativos) (Belsky & Pluess, 2009).

O Modelo da Suscetibilidade Diferencial propõe que as mesmas características pessoais que podem colocar as crianças em risco quando expostas a ambientes desfavoráveis e de risco, também podem ser aquelas que as tornam mais suscetíveis a beneficiar de ambientes estimulantes e de apoio (Belsky & Pluess, 2009). Por outras palavras, certos indivíduos podem ter uma maior sensibilidade e reatividade aos fatores ambientais, o que pode resultar, tanto num maior risco de problemas, como num maior potencial para responder positivamente a intervenções ou ambientes estimulantes.

O Modelo da Sensibilidade à Vantagem propõe que as crianças que são mais sensíveis ao ambiente beneficiam de forma desproporcionalmente mais elevada das experiências de um ambiente rico em estímulos positivos. Ou seja, certos indivíduos têm uma maior capacidade de aproveitar ao máximo as oportunidades positivas do ambiente em que estão inseridos. De acordo com este modelo, algumas crianças possuem uma maior sensibilidade e responsividade a estímulos positivos, o que as torna mais propensas a beneficiar de ambientes enriquecedores e estimulantes (Pluess & Belsky, 2013).

Para verificar se os dados empíricos são enquadráveis nos modelos de interação Pessoa X Ambiente, torna-se necessário utilizar modelos analíticos em que sejam incluídas variáveis moderadoras. Mais especificamente trata-se de perceber como é que as características da Pessoa, enquanto variável moderadora, interferem com os efeitos mais ou menos fortes dos PPBE nos pais e/ou nas crianças. Foram estudadas, ao longo dos últimos anos, diversas variáveis moderadoras dos efeitos das intervenções parentais, algumas de carácter constitucional, outras relacionadas com as características individuais dos pais e das crianças, e ainda, outras ligadas ao contexto. Apresentam-se de seguida alguns estudos que ilustram os efeitos moderadores destas características.

A idade da criança foi apontada como variável moderadora dos efeitos da intervenção parental, com efeitos significativos, especificamente, as crianças de quatro e cinco anos, incluídas no grupo de intervenção que recebeu o programa Anos Incríveis Básico apresentaram valores estatisticamente mais elevados em competência social após

a intervenção, do que as crianças da mesma idade do grupo de controlo, indicando que o programa é mais eficaz na prevenção da diminuição das competências sociais em crianças dessas idades (Santos et al., 2016).

A afetividade negativa das crianças também aparece como variável moderadora dos efeitos de uma intervenção parental a nível da satisfação parental, que é superior em mães de crianças com valores elevados em afetividade negativa, por comparação com a satisfação parental em mães de crianças com valores baixos em afetividade negativa, o que é consistente com o modelo de suscetibilidade diferencial (Anzman-Frasca et al., 2014; Overbeek, 2017). Ou seja, a intervenção parece ser mais eficaz com mães de crianças que têm um traço temperamental indicador de maior vulnerabilidade, por comparação com as mães de crianças com baixos valores nesse traço temperamental.

A meta-análise de Lundahl et al. (2006), aponta para os efeitos moderadores do nível socioeconómico das famílias, sendo que a intervenção parental é menos eficaz para famílias de baixo nível socioeconómico; por outro lado, estas famílias beneficiam significativamente mais de intervenções parentais dinamizadas individualmente, em comparação com as dinamizadas em grupo.

Finalmente, a alta/baixa sensibilidade dos pais também foi apontada como uma possível variável moderadora dos efeitos de intervenções parentais. Os pais com alta sensibilidade beneficiam mais das intervenções parentais, comparativamente com os pais com baixa sensibilidade (Goldberg & Scharf, 2020; Soons et al., 2010; Villiers et al., 2018).

1.4. O presente estudo

O estudo apresentado nesta dissertação foi realizado no contexto de dois projetos de investigação mais amplos, o REUNIRmais e o RealFamilies, que têm como principal objetivo avaliar a eficácia do programa Standard Triplo P, através de um plano de investigação quasi-experimental, com um grupo de intervenção e um grupo de controlo, conforme descrito por Canário et al (2020). As famílias que participaram neste PPBE, seja no REUNIRmais, seja no RealFamilies, são famílias com características marcadas de adversidade e vulnerabilidade.

O programa STP é uma intervenção parental dinamizada individualmente e composta por 10 sessões. É uma intervenção indicada para pais de crianças com

problemas de comportamento em diversos contextos e com dificuldades em lidar com a parentalidade. Os resultados de uma meta-análise (Graaf et al., 2008) indicam que as intervenções de nível quatro do Triple P reduzem o comportamento disruptivo das crianças e que estas melhorias são mantidas ao longo do tempo. O STP será então adequado para as famílias vulneráveis participantes nos projetos REUNIRmais e RealFamilies, pelas características de vulnerabilidade descritas e pela adequação dos critérios deste nível de intervenção a essas mesmas características.

O objetivo central do presente estudo é explorar o papel da sensibilidade ao ambiente como característica dos pais e das crianças nos efeitos do STP em pais e crianças de famílias vulneráveis. A sensibilidade ao ambiente refere-se à capacidade de um indivíduo perceber, interpretar e responder de forma apropriada aos estímulos e condições presentes no seu ambiente. Pretende-se investigar o papel desempenhado pela sensibilidade ao ambiente no contexto de uma intervenção parental dirigida a famílias vulneráveis, ou seja, compreender como diferenças individuais na sensibilidade ao ambiente podem ter influência nos efeitos do STP em pais e crianças de famílias vulneráveis.

O estudo dos efeitos de interação entre as características pessoais (sensibilidade ao ambiente) e a intervenção parental (STP) nas variáveis de pais/mães (práticas parentais, comportamento parental, sentido de competência e eficácia parental) e das crianças (capacidades e dificuldades da criança, competência social da criança) permitirá compreender, de que forma, essas características pessoais podem aumentar ou diminuir os efeitos benéficos do STP.

Assim sendo, avanço com as seguintes hipóteses:

1. O efeito da intervenção parental STP nas práticas e comportamentos parentais e no sentido de competência e eficácia parental é moderado pela característica pessoal sensibilidade ao ambiente de pais/mães. Assim, pais/mães que recebem a intervenção parental STP e apresentam alta sensibilidade ao ambiente (ao contrário dos que apresentam baixa sensibilidade), serão os que apresentam mudanças mais positivas nas práticas e comportamentos parentais, e no sentido de competência e eficácia parental.

2. O efeito da intervenção parental STP nas variáveis capacidades e dificuldades da criança e competência social da criança é moderado pela característica pessoal sensibilidade ao ambiente das crianças. Assim, as crianças que recebem a intervenção parental STP e apresentam alta sensibilidade ao ambiente (ao contrário das que apresentam baixa sensibilidade), são as que apresentam mudanças mais positivas nas suas capacidades e dificuldades, assim como na sua competência social.

2. Método

2.1. Participantes

Os participantes são maioritariamente mulheres (mães), das quais 34% são solteiras, 33% são casadas ou estão numa união de facto e 32% são separadas ou divorciadas. Em média, os participantes têm cerca de 38 anos de idade ($DP= 7.47$), uma escolaridade de 9 anos ($DP =2.99$) e três filhos (1.18). Mais de metade dos participantes estão desempregados (53%) e já tiveram sinalizações anteriores nas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) (63%). No que respeita aos motivos de sinalização, os principais são: exposição à violência doméstica ou a outros comportamentos que afetam o bem-estar e o desenvolvimento das crianças (36%) e comportamentos disruptivos das crianças (28%). As crianças são maioritariamente do sexo masculino (71%), com idade média de nove anos ($DP =1.81$). Os participantes alocados ao grupo de intervenção ou de controlo não são diferentes no que concerne às variáveis sociodemográficas (Tabela 1).

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes

	Grupo STP <i>n</i> = 38 <i>M</i> (<i>SD</i>)	Grupo Controlo <i>n</i> = 38 <i>M</i> (<i>SD</i>)	Total <i>n</i> = 76 <i>M</i> (<i>SD</i>)	Testes de comparação
Idade dos Pais	36.47 (7.31)	39.00(7.50)	37.74(7.47)	<i>t</i> (74) = -1.49
Escolaridade dos Pais	8.79 (3.17)	8.71 (2.84)	8.75 (2.99)	<i>t</i> (74) = 0.11
Número de Filhos	2.42 (1.11)	2.76 (1.24)	2.59 (1.18)	<i>t</i> (74) = -1.27
Idade da Criança	8.55 (1.67)	9.26 (1.88)	8.91 (1.81)	<i>t</i> (74) = -1.74
	%	%	%	Testes de associação
Sexo dos Pais				
Feminino	92.1	92.1	92.1	Teste Exato de Fisher = 1.00
Masculino	7.9	7.9	7.9	
Sexo da Criança				
Feminino	31.6	26.3	28.9	Teste Exato de Fisher = .80
Masculino	68.4	73.7	71.1	
Estatuto Ocupacional				
Empregado	43.2	50	46.7	Teste Exato de Fisher = .65
Desempregado	56.8	50	53.3	
Estado Civil				
Casado/União Facto	39.4	26.3	32.9	$\chi^2(5) = 8.02$
Separado/Divorciado	21.1	42.1	31.6	
Solteiro	36.8	31.6	34.2	
Viúvo	2.6	0	1.3	
Gr. de Sinalização				
Comp. Disrupt.	23.7	31.6	27.6	$\chi^2(8) = 11.05$
Negligência	13.2	15.8	14.5	
Exp. Viol. Dom	31.6	39.5	35.5	
Treino Compet.	13.2	0	6.6	
Outros	18.4	13.2	15.7	
Sinalizações Anteriores				
Sim	39.5	34.4	37.1	Teste Exato de Fisher = .81
Não	60.5	65.6	62.9	

2.2 Instrumentos

Variáveis Dependentes

Alabama Parenting Questionnaire (APQ) – Autorrelato práticas parentais

O Alabama Parenting Questionnaire (APQ; Essau et al. (2006); versão portuguesa de Nogueira et al. (2020)) é um instrumento que avalia as práticas educativas dos pais. Inclui 42 itens aos quais os pais devem responder usando uma escala de resposta, que varia entre 1 ("Nunca") e 5 ("Sempre"). O modelo de três fatores, utilizado no presente estudo, aborda o (1) Envolvimento parental e parentalidade positiva, que examina o envolvimento, a participação e a ligação dos pais na vida dos seus filhos, assim como as práticas parentais positivas (por exemplo: “Brinca ou faz coisas divertidas com o seu filho”); (2) Disciplina ineficaz e punição física, que avalia inconsistências nas práticas parentais e o uso de práticas disciplinares negativas (por exemplo: “Os castigos que dá ao seu filho dependem do seu humor”); e (3) Pobre monitorização/supervisão, que avalia o conhecimento dos pais sobre a rotina diária dos seus filhos (por exemplo: “Não sabe quem são os amigos que saem com o seu filho”) (Nogueira et al., 2019). Vários estudos confirmam as características de fidelidade e de validade deste questionário, mostrando uma consistência interna satisfatória para as diferentes dimensões, exceto no fator relacionado com as práticas punitivas, em que os valores são mais baixos, o que sugere dificuldades em captar a complexidade desse construto específico (Essau et al., 2006; Nogueira et al., 2019; Shelton et al., 1996). Neste estudo, usamos as subescalas “Envolvimento parental e parentalidade positiva”, que obteve um alfa de Cronbach de .75 (M1) e de .79 (M2) e “Pobre monitorização/supervisão”, que obteve um alfa de Cronbach de .84 (M1) e de .78 (M2).

Escala de comportamento parental (PS) – Comportamento parental

A Escala de Comportamento Parental (Parenting Scale, PS, Arnold et al. 1993), é um questionário constituído por 30 itens, cujo propósito é avaliar os comportamentos educativos adotados pelos pais em situações que envolvem comportamentos inadequados por parte dos filhos. A tradução do PS foi realizada pelo *Triple P International* e a sua adaptação foi conduzida por Cruz e Abreu-Lima (2013). Os pais respondem aos itens numa escala de 7 pontos, com descritores nos dois extremos dessa escala, considerando

os últimos dois meses. Na sua versão mais recente, os itens foram agrupados em três subescalas distintas: 1) Hostilidade (três itens, por exemplo, “Quando o meu filho se porta mal: (1) Raramente uso palavrões ou insultos/ (7) Uso quase sempre palavrões”); 2) Permissividade (cinco itens, por exemplo, “Quando quero que o meu filho deixe de fazer alguma coisa: (1) Digo com firmeza ao meu filho para parar/ (7) Tento convencer o meu filho ou imploro-lhe para parar”); e 3) Sobrerreatividade (quatro itens, por exemplo, “Quando o meu filho se porta mal: (1) Costumo ter uma grande discussão com ele/ (7) Não tenho discussões”) (Arnold et al., 1993; Cruz & Abreu-Lima, 2013). As pontuações, calculadas pela média obtida nos itens correspondentes, refletem a percepção dos pais quanto à frequência com que empregaram essas práticas educativas nos últimos dois meses. Em Portugal, a escala tem sido utilizada em estudos académicos que demonstram valores satisfatórios, com um alfa de Cronbach .75 na subescala hostilidade, .73 na permissividade e .57 na sobrerreatividade (Nogueira et al., 2021). Para o presente estudo, usamos as subescalas “Permissividade” com alfa de Cronbach .61 (M1) e .64 (M2) e “Sobrerreatividade” com alfa de Cronbach .69 (M1) e .72 (M2).

PSOC – Autorrelato do sentido de competência e eficácia parental

A escala Ser Mãe/Ser Pai (SMSP), utilizada neste estudo, foi adaptada para português por Cruz e Abreu-Lima (2013), baseando-se na tradução realizada pelo Triple P International (Copyright 1989 by Lawrence Erlbaum Associates, Inc.), que, por sua vez, é uma adaptação da Parenting Sense of Competence (PSOC, Johnston & Mash, 1989). Este instrumento é constituído por 16 questões destinadas a avaliar a autoconfiança dos pais, abrangendo a (1) Satisfação e a (2) Eficácia parental. A subescala de Satisfação inclui nove questões e é definida como o prazer que os pais têm e sentem no desempenho do seu papel parental (por exemplo, “Sente-se satisfeita com a sua capacidade para cuidar do seu filho”). A subescala de Eficácia é composta por sete questões relacionadas com o sentido de competência, a capacidade de resolver problemas e de exercer o papel parental, sendo entendida como a competência percebida pelos pais no que diz respeito à parentalidade (por exemplo, “Não sei porquê, mas às vezes quando é suposto ser eu a controlar a situação, sinto que estou a ser manipulado/a”) (Johnston, & Mash, 1989). Em estudos realizados em Portugal, as pesquisas conduzidas por Nogueira et al. (2021), revelaram um coeficiente alfa de Cronbach de .81 para a dimensão Eficácia, e de .68 para

a dimensão Satisfação. Usamos, neste estudo, as duas subescalas “Satisfação”, que obteve um alfa de Cronbach de .78 (M1) e de .74 (M2) e “Eficácia” que obteve um alfa de Cronbach de .68 (M1) e de .66 (M2).

Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) – Capacidades e Dificuldades da Criança

O *Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ), desenvolvido por Goodman (1997), tem como propósito identificar características comportamentais das crianças, sejam elas positivas ou negativas. Essas características podem ser agrupadas em cinco dimensões, cada uma com cinco itens: (1) sintomas emocionais; (2) problemas comportamentais; (3) hiperatividade/desatenção; (4) problemas nas relações com pares; (5) comportamento pró-social. Os 25 itens são avaliados numa escala de 3 pontos, de 0 (não verdadeiro) a 2 (muito verdadeiro). Os resultados de cada subescala são obtidos pela soma dos valores dos cinco itens correspondentes. Essas pontuações podem ser interpretadas como situando-se num nível normal, *borderline* ou clínico, com base em valores padrão. Da soma das pontuações nas quatro primeiras dimensões resulta uma pontuação do total de dificuldades comportamentais. O questionário inclui um conjunto adicional de oito itens, que permitem identificar o impacto dos problemas comportamentais das crianças em vários domínios das suas vidas (por exemplo, em casa ou na escola).

Em estudos académicos realizados em Portugal, o questionário demonstra valores satisfatórios, com um alfa de Cronbach .71 para a escala total (Nogueira et al., 2021). Neste estudo, utilizamos a versão portuguesa adaptada por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar (2005), uma medida de relato, a ser preenchida por pais ou cuidadores, mas apenas incluímos nas análises a subescala de “hiperatividade/desatenção” com alfa de Cronbach .73 (M1) e .70 (M2), uma vez que as restantes subescalas não apresentam valores de consistência interna satisfatórios.

Escala de Competência Social (NSCH Social Competence) – Heterorrelato de competência social da criança

A Escala de Competência Social (ECS), desenvolvida por Blumberg et al. (2008), é composta por oito itens, avaliados numa escala tipo Likert com quatro pontos (“Nunca”,

“Algumas vezes”, “Frequentemente”, “Sempre”). Os itens representam dois construtos: (1) competências sociais; (2) problemas comportamentais. As pontuações de cada subescala podem ser obtidas calculando a soma das respostas dividida pelo número de itens (ou seja, a média). Para a interpretação da pontuação, deve atender-se a que o valor mais elevado é mais representativo do constructo em avaliação. Neste estudo, é utilizada a escala original traduzida para português por Canário et al. (2021). Utilizamos, para o presente estudo, a subescala “problemas comportamentais” com alfa de Cronbach de .84 (M1) e de .86 (M2), por ser a que apresenta uma boa consistência interna.

Variáveis Moderadoras

High Sensitive Parent Questionnaire (HSP) – Autorrelato da sensibilidade dos pais

O High Sensitive Parent é um questionário com 12 itens usado para identificar diferenças individuais na sensibilidade ao ambiente. Este questionário é uma adaptação da Escala High Sensitive Person, desenvolvida por Aron e Aron (1997), uma escala de 27 itens que permite identificar diferenças na sensibilidade ao ambiente. O HSP inclui perguntas como "Acha que está ciente das sutilezas no seu ambiente?", "Sente-se facilmente assoberbado por coisas como luzes intensas, cheiros fortes, tecidos ásperos ou sirenes perto de si?", "Faz questão de evitar filmes e séries de televisão violentas?" e “Quando tem que competir ou ser observado enquanto faz uma tarefa, fica tão nervoso ou trémulo que acaba por fazer pior?”. Os 12 itens são avaliados de 1 (nunca) a 7 (extremamente), e a pontuação total é obtida calculando-se a soma das respostas, dividida pelo número de itens (ou seja, média). Quanto mais alta a pontuação, mais alta é a sensibilidade. Neste estudo usamos a escala total, com alfa de Cronbach de .82.

High Sensitive Child Questionnaire (HSC) – Auto e heterorrelato sensibilidade da criança

O High Sensitive Child (HSC), formato autorrelato, é um questionário de 12 itens usado para avaliar a sensibilidade ao ambiente em crianças com 8 ou mais anos de idade. Os 12 itens são avaliados de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente) (Pluess et al., 2018). Questões como “Reparo quando pequenas mudanças acontecem à minha volta”, “Fico nervoso quando tenho de fazer muitas coisas em pouco tempo” e “Quando

alguém me observa, fico nervoso. Isso faz com que o meu desempenho seja pior que o habitual” incluem este questionário. A pontuação é obtida calculando a média das respostas, ou seja, a soma das pontuações dividida pelo número total de itens. Quanto mais alta a pontuação, mais elevada é a sensibilidade ao ambiente.

O High Sensitive Child (HSC), formato heterorrelato, é um questionário de 12 itens, à semelhança do formato de autorrelato, com o objetivo de medir a sensibilidade da criança ao ambiente, através do relato dos pais. Com uma escala de resposta de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente), inclui questões como “O meu filho repara quando pequenas mudanças acontecem à sua volta”, “O meu filho fica nervoso quando tem de fazer muitas coisas em pouco tempo” e “Quando alguém observa o meu filho, ele fica nervoso. Isso faz com que o desempenho do meu filho seja pior que o habitual”. A pontuação é obtida calculando a média das respostas, ou seja, a soma das pontuações, dividida pelo número de total de itens. Quanto mais alta a pontuação, mais elevada é a sensibilidade. Neste estudo usamos a escala total, com um alfa de Cronbach de .78.

2.3. Procedimentos

Foi solicitado às CPCJ do distrito do Porto que escolhessem potenciais participantes para integrar os projetos REUNIRmais e RealFamilies, seguindo critérios específicos de elegibilidade e inadmissibilidade estabelecidos previamente pela equipa de investigação (Canário et al., 2020). A Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto aprovou estes projetos (Ref. 2020/04-2 e Ref. 2023/02-10). A todos os participantes foi dada a oportunidade de receber a intervenção Standard Triplo P, aos de grupo de intervenção imediatamente após a avaliação inicial, e aos do grupo de controlo após a avaliação do terceiro momento de avaliação. No segundo momento de avaliação, todos os participantes receberam um cartão no valor de 15€ como compensação pelas deslocações realizadas para participar nos dois momentos de avaliação. Foram obtidos os consentimentos para a participação e os assentimentos, para o caso das crianças.

Os dados foram recolhidos através de entrevistas presenciais conduzidas por membros da equipa de investigação, e as avaliações ocorreram em dois momentos: antes (M1) e após (M2) a intervenção. A avaliação de pais e crianças foi realizada no mesmo

dia e horário, mas em salas diferentes. Os instrumentos utilizados foram fornecidos aos participantes, que os completaram autonomamente, ou administrados no formato de entrevista, quando os participantes solicitavam ajuda no preenchimento.

2.4. Plano analítico

No presente estudo foram realizadas análises de frequências e calculadas as descritivas das variáveis sociodemográficas dos participantes. As variáveis sociodemográficas foram comparadas entre os grupos de intervenção e de controlo, através de testes de associação Qui-quadrado para as variáveis nominais (sendo usada a estatística teste exato de Fisher quando as associações tinham lugar entre variáveis dicotómicas) e testes *t* para amostras independentes para as variáveis contínuas.

Para avaliar os efeitos do grupo de alocação (isto é, grupo de intervenção vs. grupo de controlo) nas variáveis dependentes em estudo, foram realizadas análises de variância do tipo medidas repetidas, em que as variáveis dependentes nos dois momentos de avaliação foram consideradas fatores inter-sujeitos, e a pertença ao grupo de alocação, como fator entre-sujeitos. As variáveis com o resultado bruto da sensibilidade de pais e das crianças ao ambiente foram dicotomizadas de acordo com a mediana de cada uma. Valores de sensibilidade dos pais iguais ou superiores a 4.58 foram considerados sensibilidade elevada e os valores inferiores a 4.58 foram considerados sensibilidade baixa. Valores de sensibilidade das crianças iguais ou superiores a 2.75 foram considerados sensibilidade elevada e valores inferiores a 2.75 foram considerados sensibilidade baixa. As variáveis dicotómicas foram integradas no modelo de análise de variância do tipo medidas repetidas, como fatores entre-sujeitos. As análises foram realizadas com o programa IBM SPSS versão 29.0 (IBM Corp. Released 2023).

3. Resultados

As estatísticas descritivas e os resultados univariados das ANOVAs mistas para cada variável dependente são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 - Estatísticas descritivas (média e desvio padrão) dos resultados do estudo e testes de efeitos intra-sujeitos.

	STP (<i>n</i> =38)		G.Controlo (<i>n</i> =38)		<i>F</i> (<i>df</i>)
	M1	M2	M1	M2	
	<i>M</i> (<i>SD</i>)	<i>M</i> (<i>SD</i>)	<i>M</i> (<i>SD</i>)	<i>M</i> (<i>SD</i>)	
Parentalidade positiva (APQ)	4.27 (0.41)	4.25 (0.56)	4.38 (0.45)	4.28 (0.49)	0.40 (1,50)
Pobre monitorização (APQ)	1.30 (0.54)	1.36 (0.76)	1.50 (1.11)	1.30 (0.56)	1.11 (1,50)
Prob. de comportamento (ECS)	2.23 (0.69)	1.94 (0.69)	1.73 (0.57)	1.68 (0.51)	4.63* (1,50)
Permissividade (PS)	2.79 (1.28)	2.28 (1.12)	2.28 (0.84)	2.57 (1.16)	6.10* (1,50)
Sobrerreatividade (PS)	3.83 (1.37)	3.08 (1.61)	3.29 (1.48)	2.97 (1.25)	1.30 (1,50)
Hiperatividade (SDQ)	6.13 (2.22)	5.68 (1.94)	5.61 (2.28)	5.35 (2.62)	0.04 (1,50)
Satisfação Parental (SMSP)	33.90(6.93)	37.81 (6.81)	35.96 (9.01)	37.17(6.98)	2.85† (1,50)
Eficácia Parental (SMSP)	30.61(5.12)	32.48 (3.55)	33.30 (4.37)	32.43(3.46)	4.06* (1,50)

Nota. * $p < .05$, † $p < .10$

Na avaliação do efeito do grupo de alocação nas variáveis dependentes, verificou-se um efeito marginalmente significativo multivariado de interação entre o grupo de alocação e o tempo, Wilks' Lambda = 0.74 ; $F(8,43) = 1.87$, $p = .09$. Ainda assim, foram verificados efeitos univariados, estatisticamente significativos ao nível dos problemas de comportamento, $F(1, 50) = 4.63$, $p = .04$, $\eta_p^2 = 0.09$ (Gráfico 1), permissividade, $F(1,50) = 6.10$, $p = .02$, $\eta_p^2 = 0.11$ (Gráfico 2), e eficácia com o exercício da função parental, $F(1,50) = 4.06$, $p = .05$, $\eta_p^2 = 0.08$ (Gráfico 3) e ainda marginalmente significativos para a satisfação com a função parental, $F(1,50) = 2.85$, $p = .09$, $\eta_p^2 = 0.05$ (Gráfico 4).

Tal como se verifica nos gráficos 1 e 2, os problemas de comportamento nas crianças e a permissividade dos pais diminuem nos pais que recebem a intervenção STP, enquanto que se mantêm estáveis ou aumentam, respetivamente, nos pais que integram o

grupo de controlo. No mesmo sentido, os gráficos 3 e 4 indicam que a percepção de eficácia com a função parental aumenta no grupo de pais que recebe o STP, enquanto diminui no grupo de pais que integra o grupo de controlo, e a satisfação com a função parental aumenta de forma mais pronunciada para os pais que recebem a intervenção STP do que para os que recebem o cuidado habitual no grupo de controlo.

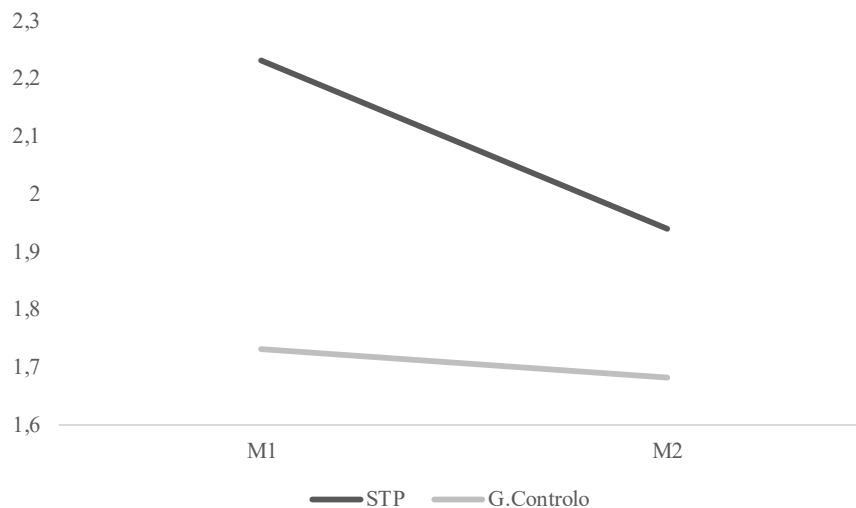


Gráfico 1. Efeitos da intervenção comparando as duas condições (STP vs G. Controlo) ao longo do tempo, nos problemas de comportamento das crianças.

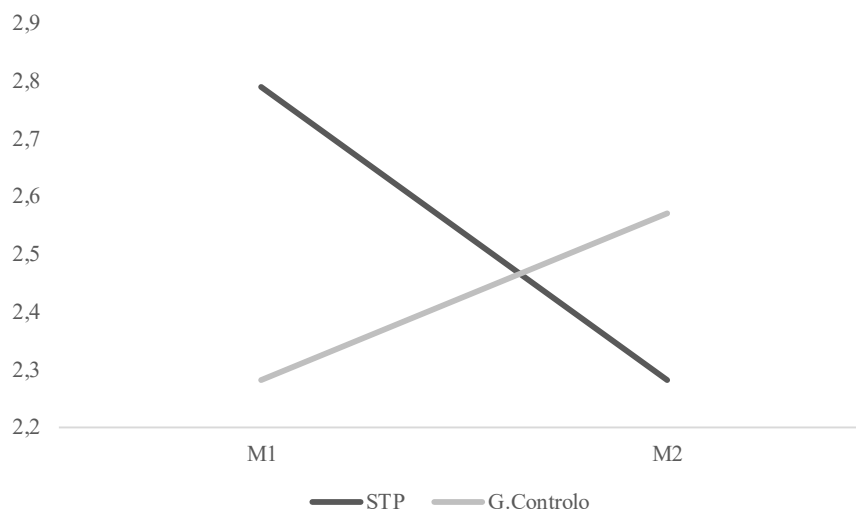


Gráfico 2. Efeitos da intervenção comparando as duas condições (STP vs G. Controlo) ao longo do tempo, na permissividade parental.

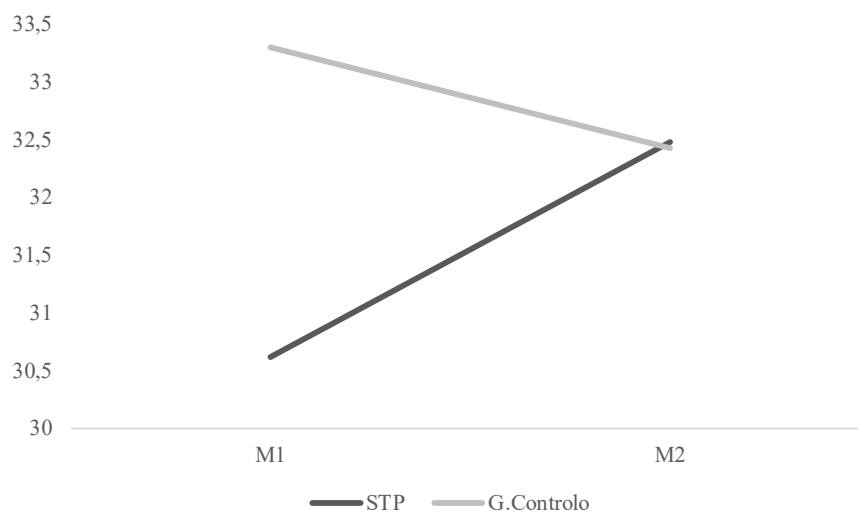


Gráfico 3. Efeitos da intervenção comparando as duas condições (STP vs G. Controlo) ao longo do tempo, na eficácia parental.

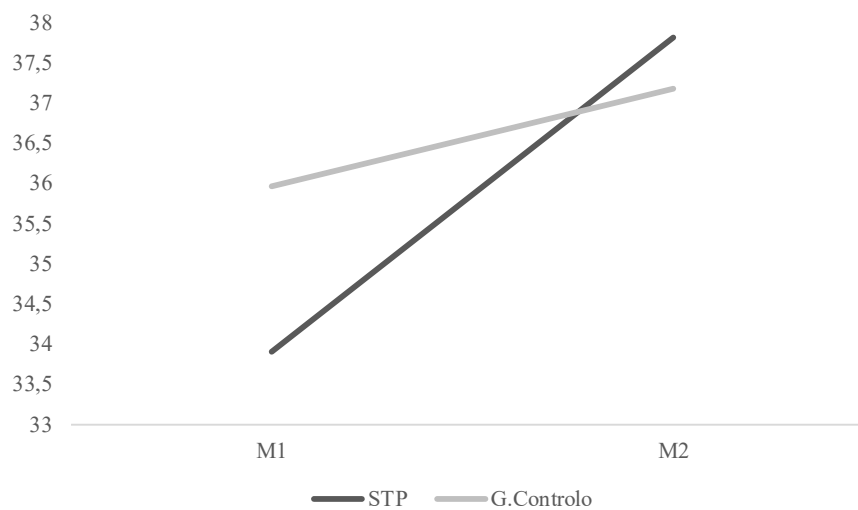


Gráfico 4. Efeitos da intervenção comparando as duas condições (STP vs G. Controlo) ao longo do tempo, na satisfação parental.

As estatísticas descritivas e os resultados primários e secundários para cada condição (STP vs G.Controlo) e sensibilidade parental ao longo do tempo, são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 - Análise de variância do efeito da alocação e percepção de sensibilidade parental ao ambiente na sobrerreatividade dos pais ao longo do tempo

	STP M1		STP M2		G.Controlo M1		G.Controlo M2		F (1,50)
	Baixo HSP	Alto HSP	Baixo HSP	Alto HSP	Baixo HSP	Alto HSP	Baixo HSP	Alto HSP	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
Sobrerreatividade	4.13 (1.62)	3.51 (1.24)	2.58 (1.28)	3.09 (1.61)	2.80 (1.63)	3.62 (1.25)	2.82 (1.53)	3.08 (0.95)	4.10*

No que respeita à interação entre tempo, grupo de alocação e sensibilidade parental, não se verificou o efeito multivariado da interação, Wilks' Lambda = 0.85 , $F(8,41) = 0.90$, $p = .53$. No entanto, verificam-se efeitos univariados estatisticamente significativos na Sobrerreatividade $F(1,50) = 4.10$, $p = .05$, $\eta_p^2 = 0.08$. Estes resultados apresentados no gráfico 5, sugerem que os pais com baixa sensibilidade que recebem a intervenção STP revelam uma descida mais acentuada na sobrerreatividade, do que os pais com elevada sensibilidade que recebem a mesma intervenção, ou do que os pais do grupo de controlo.

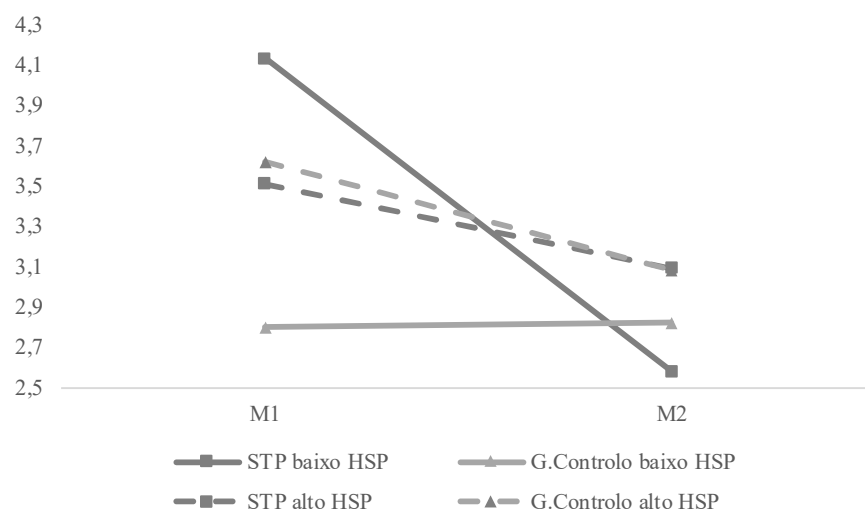


Gráfico 5. Efeito na sobrerreatividade dos pais comparando as duas condições (STP vs G.Controlo) ao longo do tempo, de acordo com a percepção de sensibilidade parental ao ambiente

As estatísticas descritivas e os resultados primários e secundários para cada condição (STP vs G.Controlo) e sensibilidade ao ambiente da criança ao longo do tempo, são apresentados na Tabela 3.

Tabela 4 – Análise de variância do efeito da alocação e da sensibilidade ao ambiente da criança nos problemas de comportamento da criança ao longo do tempo

	STP M1		STP M2		G.Controlo M1		G.Controlo M2		
	Baixo HSC	Alto HSC	Baixo HSC	Alto HSC	Baixo HSC	Alto HSC	Baixo HSC	Alto HSC	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	F (1,50)
Problemas de Comportamento	2.29 (0.68)	2.14 (0.72)	2.21 (0.67)	1.61 (0.59)	1.71 (0.38)	1.75 (0.77)	1.65 (0.30)	1.73 (0.72)	3.64 ⁺

No que respeita à interação entre tempo, grupo de alocação e sensibilidade ao ambiente da criança, não se verificou o efeito multivariado da interação, Wilks' Lambda

$= 0.77$, $F(8,43) = 1.57$, $p = .16$. No entanto, verificam-se efeitos univariados marginalmente significativos nos problemas de comportamento da criança $F(1,50) = 3.64$, $p = .06$, $\eta_p^2 = 0.07$. Estes resultados, tal como se apresenta no gráfico 6, sugerem que os pais de crianças com elevada sensibilidade ao ambiente que recebem a intervenção reportam mais melhorias nos problemas de comportamento das crianças do que os pais de crianças com as mesmas características que integram o grupo de controlo, ou do que os pais de crianças com baixa sensibilidade ao ambiente, independentemente do grupo que integrem.

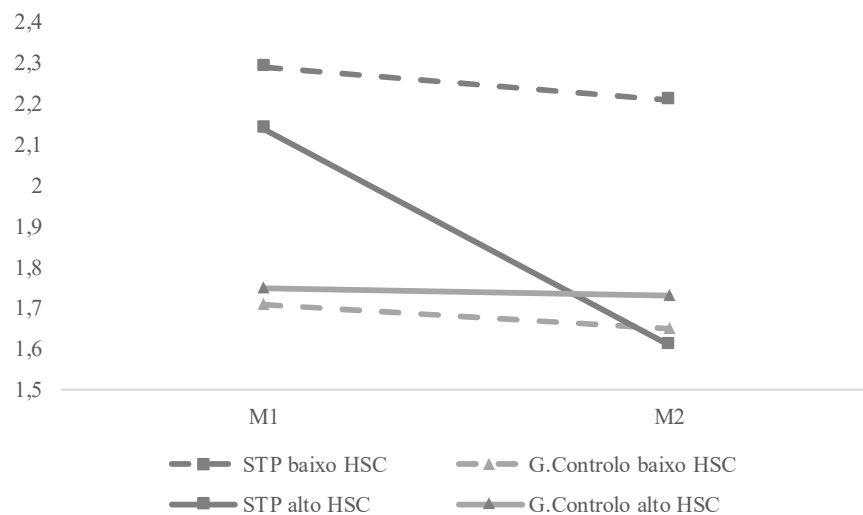


Gráfico 6. Efeito nos problemas de comportamento das crianças comparando as duas condições (STP vs G.Controlo) ao longo do tempo, de acordo com a percepção de sensibilidade ao ambiente dos pais sobre a criança.

4. Discussão

O objetivo do presente estudo consistiu em analisar o papel desempenhado pela sensibilidade ao ambiente dos pais e das crianças nos efeitos de uma intervenção parental de formato individual. Concretamente, o estudo contribui para compreender como as diferenças individuais na sensibilidade ao ambiente podem ter influência nos efeitos de uma intervenção parental em pais e crianças de famílias vulneráveis. Os participantes foram 76 de famílias expostas a fatores de risco e vulnerabilidade, alocados a um grupo de intervenção ($n=38$) e a um grupo de controlo ($n=38$), avaliados nas suas características pessoais – sensibilidade ao ambiente – e nas variáveis de pais/mães e das crianças – práticas parentais, comportamento parental, sentido de competência e eficácia parental, capacidades e dificuldades da criança e competência social da criança.

Os resultados globais são consistentes com Sanders et al. (2000) e Sanders et al. (2007) que relataram que os filhos dos indivíduos que receberam o STP, em comparação com o grupo de controlo, apresentaram menos problemas de comportamento após a intervenção, menos práticas parentais de permissividade, maior sentido de eficácia e satisfação com o papel parental. Os resultados do presente estudo podem ser lidos no âmbito do modelo da sensibilidade à vantagem, uma vez que as crianças que têm pais que frequentaram a intervenção parental STP e apresentam alta sensibilidade ao ambiente, são as que apresentam mudanças mais positivas nos problemas de comportamento. Por outro lado, os pais/mães que receberam a intervenção parental STP e apresentam baixa sensibilidade ao ambiente foram os que apresentaram mudanças mais positivas nas práticas parentais de sobre-reatividade.

A primeira hipótese previa que os efeitos da intervenção parental STP nas práticas e comportamentos parentais, e sentido de competência e eficácia parental seriam moderados pela característica pessoal sensibilidade ao ambiente dos pais/mães, em que os pais com valores mais elevados de sensibilidade ao ambiente tirariam maior proveito da intervenção com o STP. A hipótese não foi confirmada. Pelo contrário, os pais/mães que receberam a intervenção parental STP e apresentavam baixa sensibilidade ao ambiente foram os que apresentaram mudanças mais positivas nas práticas parentais de sobre-reatividade. A sobre-reatividade reflete a perceção dos pais quanto à frequência com que reagem excessivamente aos comportamentos inadequados dos filhos.

Aparentemente, os pais menos sensíveis ao ambiente beneficiam mais do programa, diminuindo mais as suas práticas parentais ineficazes de sobre-reatividade. As competências parentais adquiridas com o STP podem permitir perceber que a reação excessiva ao comportamento dos filhos pode desencadear uma reação semelhante por parte das crianças e a exacerbação do comportamento problema. A intervenção avaliada no presente estudo integra componentes da teoria da aprendizagem social, que se sabe serem eficazes na diminuição das práticas parentais ineficazes, assim como nos problemas de comportamento das crianças (Leijten et al., 2019; Nogueira et al., 2022). A baixa sensibilidade dos pais pode indicar uma maior dificuldade em reconhecer a prática ineficaz anteriormente à intervenção, e consequentemente ser um fator de promoção da mudança do comportamento com a intervenção. Talvez os pais com baixa sensibilidade ao ambiente, precisamente por terem essa característica, não se mostrem sensíveis aos comportamentos inadequados das crianças e por isso usufruam mais da intervenção. A intervenção melhora a qualidade da relação entre pais e filhos, enquanto promove a gestão do comportamento eficaz das crianças. Os pais com alta sensibilidade ao ambiente já seriam, à partida mais sensíveis aos comportamentos das crianças, e talvez por isso possam não beneficiar tanto da intervenção. A sensibilidade ao ambiente parece funcionar aqui como uma condição de promoção e não de proteção. Importa ainda referir que o grupo de controlo com baixa sensibilidade ao ambiente foi o único que aumentou, ainda que de forma ligeira, na sobre-reatividade.

A segunda hipótese, de acordo com a qual o efeito da intervenção parental STP nas variáveis capacidades e dificuldades da criança e competência social da criança é moderado pela característica pessoal sensibilidade ao ambiente das crianças, foi parcialmente confirmada. Isto é, as crianças que recebem da intervenção parental STP e apresentam alta sensibilidade ao ambiente (ao contrário das que apresentam baixa sensibilidade) são as que apresentam mudanças mais positivas nos problemas de comportamento. Crianças com elevada sensibilidade ao ambiente respondem de forma mais positiva à intervenção parental, apresentando melhorias no seu comportamento, o que não se verifica nas crianças com baixa sensibilidade. Estes resultados corroboram a teoria da sensibilidade à vantagem, ou seja, algumas crianças possuem uma maior sensibilidade e responsividade a estímulos positivos, o que as torna mais propensas a beneficiar de ambientes enriquecedores e estimulantes (Pluess & Belsky, 2013).

5. Conclusão

As famílias vulneráveis enfrentam vários desafios, incluindo a parentalidade. Os serviços sociais necessitam dispor de programas de parentalidade baseados em evidências, que orientem os seus esforços para apoiar a parentalidade nestas famílias. O STP parece ser um recurso útil, ao melhorar a percepção parental sobre os problemas de comportamento dos filhos, a permissividade parental, a eficácia e a satisfação parental nas famílias que integraram o estudo. Mais ainda, a sensibilidade ao ambiente parece ter um papel importante nos efeitos da intervenção parental em pais e crianças de famílias vulneráveis, especificamente nos problemas de comportamento da criança.

Este estudo apresenta algumas limitações, especialmente no que toca ao reduzido tamanho da amostra. Aconselha-se, em estudos futuros, o uso de uma amostra mais alargada e uma representatividade maior de figuras masculinas, uma vez que neste estudo a grande maioria dos participantes foram mães.

Não obstante, este estudo permite compreender de que forma as características pessoais de sensibilidade ao ambiente, aumentam os benefícios (efeitos) de uma intervenção parental, sendo, portanto, uma informação importante para os serviços sociais que fazem uso deste tipo de intervenções.

Referências

- Achenbach, T. M., & Edelbrock, C. S. (1981). Behavioral problems and competencies reported by parents of normal and disturbed children aged four through sixteen. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 46(1), 1-82. <https://doi.org/10.2307/1165983>
- Almeida, A., Cruz, O., & Canário, A. C. (2022). Evidence-based family and parenting support evaluation strategies: The position of EurofamNet. EurofamNet.
- Anzman-Frasca, S., Stifter, C. A., Paul, I. M., & Birch, L. L. (2014). Negative temperament as a moderator of intervention effects in infancy: Testing a differential susceptibility model. *Prevention Science*, 15(5), 643–653. <https://doi.org/10.1007/s11121-013-0408-4>
- Aron, E. N., & Aron, A. (1997). Sensory-processing sensitivity and its relation to introversion and emotionality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(2), 345–368. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.73.2.345>
- Belsky, J., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Van IJzendoorn, M. H. (2007). For better and for worse: differential susceptibility to environmental influences. *Current Directions in Psychological Science*, 16(6), 300–304. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2007.00525.x>
- Belsky, J., & Pluess, M. (2009). Beyond diathesis stress: Differential susceptibility to environmental influences. *Psychological Bulletin*, 135(6), 885–908. <https://doi.org/10.1037/a0017376>
- Blumberg, S. J., Carle, A. C., O'Connor, K. S., et al. (2008). Social competence: Development of an indicator for children and adolescents. *Child Indicators Research* 1(2), 176–197.
- Bornstein, M. H., Kotler, J. A., & Lansford, J. E. (2022). The future of parenting programs: an introduction. *Parenting*, 22(3), 189–200. <https://doi.org/10.1080/15295192.2022.2086808>
- Canário, C., Abreu-Lima, I., & Cruz, O. (2021, July 21). Social Competence Scale (European Portuguese version). Available and upon request to the authors.

Canário, C., Abreu-Lima, I., Santos, S., Silva-Martins, M., Campos, J., Enes Rodrigues, C., Tavares, M., Mansilha, H., Torres, S., Serra Lemos, M., & Cruz, O. (2021). Delivering group lifestyle triple p through digital practice: a case study with portuguese parents. *Journal of Family Therapy*, 43(2), 232–255. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.12334>

Coutinho, I., Seabra-Santos, M., & Gaspar, M. (2012). Educação parental com famílias maltratantes: Que potencialidades? *Análise Psicológica*, 30(4), 405–420. <https://doi.org/10.14417/ap.601>

Cowan, P. A., Powell, D., & Cowan, C. P. (1998). Parenting interventions: A family systems perspective. *Handbook of child psychology: Child psychology in practice*, Vol. 4, 5th ed. (pp. 3–72). John Wiley & Sons, Inc.

Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. (pp. 261) Coimbra: Quarteto.

Cruz, O., & Ducharne, M. A. B. (2006). Intervenção na parentalidade - o caso específico da formação de pais.

Cruz, O., & Abreu-Lima, I. (2013). BPS - Escala Ser Mãe/Pai. In M. S. Lemos, A. Gamelas, & A. Lima (Eds.), *Instrumentos de investigação desenvolvidos, adaptados ou usados pelo Grupo de Investigação Desenvolvidos, Educacional e Clínica com Crianças e Adolescentes* (pp.101-102). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

da Costa Silva, S. S., & Silva, J. C. (2022). Contextos de vulnerabilidade e resiliência no desenvolvimento humano. Editora Appris.

de Graaf, I., Speetjens, P., Smit, F., de Wolff, M., & Tavecchio, L. (2008). Effectiveness of the triple p positive parenting program on behavioral problems in children: a meta-analysis. *Behavior Modification*, 32(5), 714–735. <https://doi.org/10.1177/0145445508317134>

de Villiers, B., Lionetti, F., & Pluess, M. (2018). Vantage sensitivity: A framework for individual differences in response to psychological intervention. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 53(6), 545–554. <https://doi.org/10.1007/s00127-017-1471-0>

Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica – o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 139-156 Páginas. <https://doi.org/10.7559/GESTAOEDESENVOLVIMENTO.2011.140>

Essau, C. A., Sasagawa, S., & Frick, P. J. (2006). Psychometric properties of the Alabama Parenting Questionnaire. *Journal of Child and Family Studies*, 15(5), 595–614. <https://doi.org/10.1007/s10826-006-9036-y>

Goldberg, A., & Scharf, M. (2020). How do highly sensitive persons parent their adolescent children? The role of sensory processing sensitivity in parenting practices. *Journal of Social and Personal Relationships*, 37(6), 1825–1842. <https://doi.org/10.1177/0265407520911101>

IBM Corp. Released 2023. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 29.0.2.0 Armonk, NY: IBM Corp

Johnston, C., & Mash, E. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18(2), 167–175. http://dx.doi.org/10.1207/s15374424jccp1802_8

Jolicoeur-Martineau, A., Belsky, J., Szekely, E., Widaman, K. F., Pluess, M., Greenwood, C., & Wazana, A. (2020). Distinguishing differential susceptibility, diathesis-stress, and vantage sensitivity: Beyond the single gene and environment model. *Development and Psychopathology*, 32(1), 73–83. <https://doi.org/10.1017/S0954579418001438>

Leijten, P., Gardner, F., Melendez-Torres, G. J., van Aar, J., Hutchings, J., Schulz, S., Knerr, W., & Overbeek, G. (2019). Meta-Analyses: Key Parenting Program Components for Disruptive Child Behavior. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 58(2), 180–190. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2018.07.900>

Lima, L., Lemos, M. S., & Guerra, M. (2010). Adaptação do Inventário de Temperamento para crianças em idade escolar: School-Age Temperament Inventory – SATI de McClellan a uma população portuguesa. *Psicologia: Saúde & Doenças*, 11(1), 55–70.

Lundahl, B., Risser, H., & Lovejoy, M. (2006). A meta-analysis of parent training: Moderators and follow-up effects. *Clinical Psychology Review*, 26(1), 86–104. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2005.07.004>

Martins, S. (2009). Estudo das práticas educativas parentais, das dimensões eficácia parental, satisfação parental e expectativas de desenvolvimento numa população de risco social. [Dissertação de mestrado não publicada] Faculdade de Psicologia e Ciências Sociais da Universidade do Porto.

McClowry, S. G. (1995). The development of the School Age Temperament Inventory. *Merril Plamer Quartely*, 41 (3), 271-285.

Meneses, J. (2010). Contributos para o estudo da relação entre dimensões da parentalidade e sintomas clínicos na criança. [Dissertação de mestrado não publicada] Faculdade de Psicologia e Ciências Sociais da Universidade do Porto.

Nogueira, S., Abreu-Lima, I., Canário, C., & Cruz, O. (2021). Group Triple P – A randomized controlled trial with low-income mothers. *Children and Youth Services Review*, 121, 105862. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105862>

Nogueira, S., Santos, M., Canário, C., Ferreira, T., Abreu-Lima, I., Cardoso, C., & Cruz, O. (2019). Psychometric properties of the Portuguese version of the Alabama Parenting Questionnaire parent form. *European Journal of Developmental Psychology*, 17(3), 465–479. <https://doi.org/10.1080/17405629.2019.1686972>

Overbeek, G. (2017). Parenting intervention effects on children’s externalizing behavior: The moderating role of genotype and temperament. *Current Opinion in Psychology*, 15, 143–148. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.02.025>

Pluess, M., & Belsky, J. (2013). Vantage sensitivity: Individual differences in response to positive experiences. *Psychological Bulletin*, 139(4), 901–916. <https://doi.org/10.1037/a0030196>

Pluess, M., Assary, E., Lionetti, F., Lester, K. J., Krapohl, E., Aron, E. N., & Aron, A. (2018). Environmental sensitivity in children: Development of the highly sensitive child scale and identification of sensitivity groups. *Developmental Psychology*, 54(1), 51–70. <https://doi.org/10.1037/dev0000406>.

Rubin, A. (2011). Programs and interventions for maltreated children and families at risk: clinician’s guide to evidence-based practice. John Wiley & Sons.

Sanders, M. R. (2008). Triple P- positive parenting program as a public health approach to strengthening parenting. *Journal of Family Psychology*, 22(3). 506-517. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.22.3.506>

Sanders, M. R., Kirby, J. N., Tellegen, C. L., & Day, J. J. (2014). The Triple P- Positive Parenting Program: A systematic review and meta-analysis of a multi-level system of parenting support. *Clinical Psychology Review*, 34(4), 337–357. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2014.04.003>

Sanders, M. R., Bor, W., & Morawska, A. (2007). Maintenance of treatment gains: a comparison of enhanced, standard, and self-directed triple p-positive parenting program. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 35(6), 983–998.

Sanders, M. R., Markie-Dadds, C., Tully, L. A., & Bor, W. (2000). The Triple P-Positive Parenting Program: A comparison of enhanced, standard, and self-directed behavioral family intervention for parents of children with early onset conduct problems. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68(4), 624–640. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.68.4.624>

Santos, M. J. S., Gaspar, M. F., Azevedo, A. F., Homem, T. C., Guerra, J., Martins, V., Leitão, S., Pimentel, M., Almeida, M., & Moura-Ramos, M. (2016). Incredible Years parent training: What changes, for whom, how, for how long? *Journal of Applied Developmental Psychology*, 44, 93–104. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2016.04.004>

Shelton, K., Frick, P., & Wootton, J. (1996). Assessment of parenting practices in families of elementary school-age children. *Journal of Clinical Child Psychology*, 25(3), 317–329. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2503_8

Skoranski, A. M., Skowron, E. A., Nekkanti, A. K., Scholtes, C. M., Lyons, E. R., & DeGarmo, D. S. (2022). PCIT engagement and persistence among child welfare-involved families: Associations with harsh parenting, physiological reactivity, and social cognitive processes at intake. *Development and Psychopathology*, 34(4), 1618–1635. <https://doi.org/10.1017/S0954579421000031>

Soons, I., Brouwers, A., & Tomic, W. (2010). An experimental study of the psychological impact of a Mindfulness- Based Stress Reduction Program on highly sensitive persons.

Teti, D. M., Cole, P. M., Cabrera, N., Goodman, S. H., & McLoyd, V. C. (2017). Supporting parents: how six decades of parenting research can inform policy and best practice. *Social Policy Report*, 30(5), 1–34. <https://doi.org/10.1002/j.2379-3988.2017.tb00090.x>

United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC) (2010). Compilation of evidence based family skills training programmes. United Nations.

Van Aar, J., Leijten, P., Orobio De Castro, B., & Overbeek, G. (2017). Sustained, fade-out or sleeper effects? A systematic review and meta-analysis of parenting interventions for disruptive child behavior. *Clinical Psychology Review*, 51, 153–163. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2016.11.006>

Weber, L., Kamp-Becker, I., Christiansen, H., & Mingebach, T. (2019). Treatment of child externalizing behavior problems: A comprehensive review and meta-analysis on effects of parent-based interventions on parental characteristics. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 28(8), 1025–1036. <https://doi.org/10.1007/s00787-018-1175-3>